

GAMA 16



Revista GAMA, Estudos Artísticos
Volume 8, número 16, julho–dezembro 2020 | semestral
ISSN 2182-8539 | e-ISSN 2182-8725
Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
(CIEBA), Faculdade de Belas-Artes,
Universidade de Lisboa

Índice	Index	
1. Editorial	1. Editorial	12-18
A responsabilidade do artista resistente e a sua identidade colonizadora JOÃO PAULO QUEIROZ	<i>The responsibility of the resisting artist and his colonizing identity</i> JOÃO PAULO QUEIROZ	12-18
2. Artigos originais	2. Original articles	20-161
Entre realidade e ilusão: Baldassare Peruzzi e o 'trompe l'oeil' da Salla das Perpectivas da Villa Farnesina em Roma ANTÓNIO TRINDADE	<i>Between reality and illusion: Baldassare Peruzzi and the trompe l'oeil of the Salla of the Perspectives at Villa Farnesina, Rome</i> ANTÓNIO TRINDADE	20-30
O Designer escultor João Machado CLÁUDIA LIMA & SUSANA BARRETO	<i>The sculptor Designer: João Machado</i> CLÁUDIA LIMA & SUSANA BARRETO	31-40
Resistência às garras da ditadura e do naturalismo dos Escultores José Alberto Pereira, Lourdes Serralha e Luísa Constantina Costa Gomes da ESBAL '60-'64 ELISABETE OLIVEIRA	<i>Resistance against the dictatorship and naturalism claws by Sculptors José Alberto Pereira, Lourdes Serralha and Luísa Constantina Costa Gomes at ESBAL '60-'64</i> ELISABETE OLIVEIRA	41-51
Albert Marquet: o Pincel que Ri JORGE LEAL	<i>Albert Marquet: the smiling brush</i> JORGE LEAL	52-61
Carlos Asp e seus 'Campos Relacionais' LUCIANE GARCEZ & SANDRA OLIVEIRA	<i>Carlos Asp and his relating fields</i> LUCIANE GARCEZ & SANDRA OLIVEIRA	62-70
O PICTÓRICO é (uma)-theoria em Varela Aldemira MARCELO KRONEMBERGER	<i>The PICTORICAL is (one)-theoria in Varela Aldemira</i> MARCELO KRONEMBERGER	71-77
Lina Bo Bardi: memórias de suas joias arquitetônicas MILLY HWA LEE	<i>Lina Bo Bardi: Memories of your architectural jewels</i> MILLY HWA LEE	78-86

(Ataíde) Costa Gomes (1941, S. Miguel-Açores - 1990, S. Miguel) com o bacharelato em escultura e com o curso de Ciências Pedagógicas, leccionou em Ponta Delgada (1965-1967) e em Macau (1972-1974), concluindo depois o Curso Complementar de Escultura da ESBAL. Aí veio a leccionar Escultura em a partir de 1983 até à sua prova de Agregada, por unanimidade, em 1986.

O artigo “Albert Marquet: o pincel que ri,” de Jorge Leal (Portugal), apresenta um testemunho sensível de um artista sobre outro artista que descobre e procura afinidades plásticas e expressivas. Jorge Leal descreve:

Conheci o desenho de Albert Marquet (1875-1947) através de um catálogo sobre desenhos *fauves* (Serrano & Grammont, 2002) onde descobri os seus desenhos a tinta da China com que imediatamente senti uma forte afinidade. [...] Eles serviram como exercícios de síntese de figuras e das suas atitudes, assim como de situações urbanas, e tinham como objectivo disciplinar a linha do desenho (Matisse, 1972: 71), entre o tempo de estudante e o princípio da carreira profissional.

Luciane Ruschel Garcez & Sandra Oliveira (Brasil), no artigo “Carlos Asp e seus Campos Relacionais,” apresentam um dos membros do Grupo Nervo Óptico, do final dos anos 70, de Porto Alegre, Brasil. Carlos Asp (n. 1959, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 1959), que com Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Álvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos compunham o coletivo. Carlos Asp conviveu com Lygia Clark “que lhe passou o bastão” dos objetos relacionais para os campos relacionais, esta última uma expressão da física quântica relacionada com o entrelaçamento quântico.

O artigo “O Pictórico é (um)-teórico em Varela Aldemira” de Marcelo Kronemberger (Brasil) debruça-se sobre o artista e professor galego-português Varela Aldemira (1895-1975) que publicou o primeiro ensaio sobre arte e psicanálise, ou melhor, a edição de três conferências proferidas na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1931 e 1932: “O Caso Freud: Leonardo da Vinci,” a segunda, “O Inconsciente na Vida Artística” e a terceira, de 17 de dezembro de 1932, “Os Sonhos e a Inspiração.”

María Silvina Valesini (Argentina), no artigo “Sumando ausencias en el aire: sobre la condición performativa en las instalaciones de Doris Salcedo y Teresa Margolles,” debruça-se sobre as instalações de duas artistas latino-americanas, Doris Salcedo (n. 1958, Bogotá, Colômbia) e Teresa Margolles (n. 1963, Culiacán, Sinaloa, México). As intervenções “Sumando ausencias” (2016), de Doris Salcedo e “En el aire” (2003), de Teresa Margolles, inserem-se nas explorações poéticas do corpo ausente, implicando o tempo e o espaço, e convocando a experiência do espectador como um dos seus constituintes. Depois da vitória do NO no plebiscito que referendava os acordos de paz com as FARC, depois da

Carlos Asp e seus campos relacionais

Carlos Asp and his relating fields

LUCIANE GARCEZ* & SANDRA RAMALHO**

Artigo completo submetido a 04 de janeiro de 2020 e aprovado a 20 de janeiro 2020

*Brasil, artista visual, professora, crítica de arte.

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Centro de Artes (CEART); Departamento de Artes Visuais (DAV). Av. Me. Benvenuta, 1907. Itacorubi, SC, CEP 88035-901, Brasil. E-mail: lucianegarcez@gmail.com

**Brasil, Professora, crítica de arte.

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Centro de Artes (CEART); Departamento de Artes Visuais (DAV). Av. Me. Benvenuta, 1907. Itacorubi, SC, CEP 88035-901, Brasil. E-mail: ramalho@floripa.com.br

Resumo: A sociedade contemporânea ainda admite a existência de um artista com uma trajetória relevante, mas que tenha encontrado momentos de privação na vida, assemelhando-se a o que se considera hoje um tipo de romantismo, dificuldades típicas das histórias dos primeiros artistas modernistas? Este artigo apresenta um artista brasileiro que apesar das condições e contexto, conseguiu se firmar como relevante no cenário brasileiro, sendo precursor em várias questões que hoje permeiam a arte contemporânea.

Palavras chave: Carlos Asp / campos relacionais / paisagem.

Abstract: *Does contemporary society still admit the existence of an artist with a relevant trajectory, but who has found moments of deprivation in life, resembling what is today considered a kind of romanticism, typical difficulties of the stories of early modernist artists? This article presents a Brazilian artist who, despite the conditions and context, managed to establish himself as relevant in the Brazilian scenario, being a precursor in several issues that today permeate contemporary art.*

Keywords: *Carlos Asp / relating fields / landscape.*

Introdução

A sociedade contemporânea ainda admite a existência de um artista com uma trajetória relevante, mas que tenha encontrado momentos de privação na vida, assemelhando-se ao que se considera hoje um tipo de romantismo, dificuldades típicas das histórias dos primeiros artistas modernistas (embora para eles isso não tivesse sido nada romântico)? Este texto apresenta Carlos Asp (Brasil, 1959), artista cuja obra se revela um tanto biográfica, randômica e que encaixa neste modelo dito romântico, onde as dificuldades de certa feita ditam o caminho por ele trilhado e sua resultante poética.

Expôs pela primeira vez aos 17 anos, recebeu prêmios, mas nunca alcançou uma vida economicamente estável, pois viveu a maior parte de sua existência da sua arte. Um contemporâneo de hoje, *avant la lettre*: precursor dos coletivos, priorizando processo ao invés de obra, usando materiais ordinários, relacionando seu cotidiano ao seu fazer artístico.

1. Uma espécie de biografia, nada linear

Os aspectos de sua vida e obra aqui apresentados são, na sua maioria, fruto de entrevistas realizadas com o artista em 2018 e 2019. Algo que ressalta e inquieta é a inexistência de arquivos de sua trajetória. Asp é desapego, até em coerência com sua concepção de arte, pois muito produziu, mas não constituiu um arquivo pessoal, dificultando um retrospecto por meio de seus trabalhos artísticos. Considerou sua arte um processo experimental, processo em si, bem antes que outros propusessem o mesmo, baseados em grandes teorias. O artista e curador Fernando Lindote diz que Asp ia de Porto Alegre a Belém do Pará, do extremo sul ao extremo norte do país, perdendo as coisas pelo caminho. O artista corrige: ia disseminando arte.

Asp usa algumas metáforas para se autodefinir: eclipse, randômico, árvore de natal, camaleão. E para epitáfio, sugere barroco, colecionista, reciclante. Entre círculos e voltas, nasceu com o cordão umbilical dando três voltas em seu pescoço, amarrado, enrolado. Talvez essas circunferências tenham sido os primeiros esboços da figura geométrica mais presente na sua vida, o círculo (Figura 1). Veio ao mundo com a ajuda de fórceps, instrumento cujo nome já sugere, à força.

Como estudioso de astrologia, reconhece a importância destes primeiros minutos de vida e atribui a este momento ter a paisagem como foco permanente de sua arte: a ânsia pelo ar que invade e enche os pulmões, dando início à vida, ar que vem do céu e que é sua imagem, uma paisagem. Para ele, o Brasil é uma nação virginiana, considerando a data da independência. Tudo começou nos anos 70, quando ele estava no Rio de Janeiro e conheceu a astró-

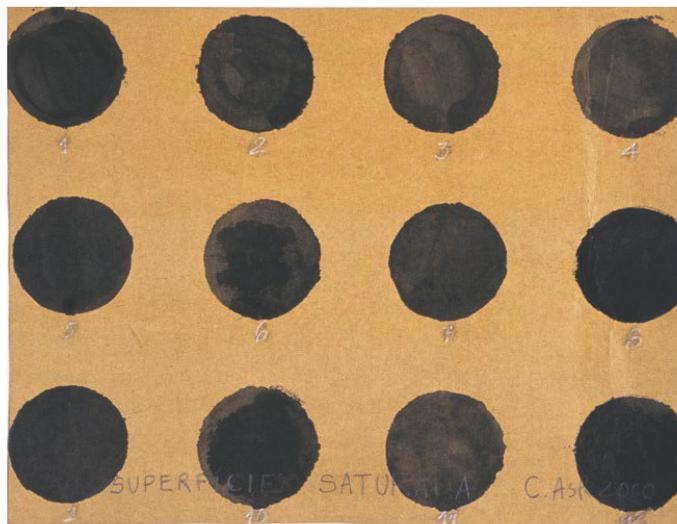


Figura 1 - Carlos Asp, *Superfície Saturada*, 2000. Desenho – aguada de nanquim sobre papel kraft reciclado. Acervo Museu Victor Meirelles, Florianópolis, SC. Fonte: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/acervos/colecao-xx-e-xxi/attachment/20e21-31/>

Figura 2 - GRUPO NERVO ÓPTICO, *Sarampo*, 1978. Artistas: Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Álvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos. Foto: Centro de Documentação e Pesquisa – CDP – da Fundação Vera Chaves Barcellos. Fonte: <http://abca.art.br/httpdocs/nervo-optico-outra-sismografia-visual-adolfo-montejo-navas/>

loga Sheila Shouders, mas no Rio da época todos faziam astrologia “com livro debaixo do braço”, segundo ele. Voltando a Porto Alegre, em 1973, soube que Emma de Macheville, uma astróloga respeitada, precisava de alguém para dar aulas de cálculo para os mapas astrais. Asp se apresentou e acabou ficando um bom tempo trabalhando com ela. Além dos cálculos, datilografava suas previsões para os consulentes, entre eles muitos artistas conhecidos. Considera-se um perturbador da ordem, o que atribui ao fato de ter Urano, planeta das revoluções, a influenciá-lo.

Quando menino, apanhava nas mãos, mesmo assim desenhava nas paredes da casa. Não que o mural seja seu suporte preferido, mas as superfícies desabitadas e limpas lhe atraíam. Aos 12 anos, pede a seu pai para fazer oficinas de desenho. Este lhe perguntou: “tu queres morrer pobre?” Então, talvez tentando um meio termo entre o útil e o inútil, entre o desejo do filho e as preocupações do pai, matriculou-o num curso de desenho arquitetônico. Com 12 anos sabia fazer fachadas, cortes, mas não poderia ser arquiteto com aquela idade, então pediu ao pai para matriculá-lo em um curso de desenho artístico. Gradativamente, Asp afastava-se dos planos do seu pai e se aproximava dos seus desejos.

Cursou o Instituto de Artes da UFRGS. Nesta época, estudava, trabalhava e convivia com artistas que depois se notabilizaram, como Ana Alegria, Clóvis Dariano, Carlos Pasquetti, criando um grupo que ficou conhecido como “Coletivo Nervo Optico” (Figura 2), com atuação significativa na época (Carvalho, 2017). Asp era a encarnação do jovem rebelde de sua geração, contestando o *status quo* e muitos valores conservadores que não se coadunavam com a sociedade sonhada por ele e muitos dos seus contemporâneos.

2. Poéticas, metáforas e paisagens

Mesmo não tendo informações sobre a *pop art*, acabou produzindo trabalhos sem a intenção de seguir a tendência, mas influenciado pelo que lhe chegava pelos jornais, revistas e pelos primeiros filmes americanos apresentados na TV; usando colagens e tinta, Asp fez *pop art avant la lettre*.

Em uma viagem ao Peru, mergulhou no colorido que os indígenas tingiam as lãs para seu trabalho artesanal. Ficou fascinado pelo resultado do trabalho daquele povo simples da montanha que só na diversidade do colorido já apresentava uma potência visual ímpar, paisagens de cores e padronagens. Asp fazia artesanato para sobreviver, experiência que foi formando sua percepção de cruzamentos técnicos, matéricos e teóricos, que adviria em seus “campos relacionais”.

Nos anos 70, quando fez parte do Jovem Arte Contemporânea, trabalhou com a recuperação das paisagens, desta vez, paisagens internas. Foi também

quando conviveu com Lygia Clark, que lhe passou o bastão, como ele diz, dos objetos relacionais para os campos relacionais. Conviveu com Carlos Fajardo, Cildo Meirelles, entre outros, todos jovens artistas estimulados por Walter Zanini. O Edital Jovem Arte Contemporânea foi nacionalmente importante e Asp foi selecionado. Não tinha participava do circuito nacional até que foi morar em São Paulo, pois o frete da obra enviada de Porto Alegre seria muito caro para seu orçamento. São coisas absurdas como estas que, às vezes, determinam os rumos das carreiras e das vidas de muitos artistas.

Quando lecionou no Centro de Artes da UDESC destacou-se nas experimentações com alunos, como na exposição dos trabalhos em *outdoors*, sendo à época um precursor, de arte pública e efêmera. Hoje, Asp considera que a melhor época é a de ser aluno, quando se trocam opiniões, mostram os trabalhos para professores e alunos e se cresce junto, mais uma vez priorizando processo e experiência. Afirma que uma pessoa que dá a devida importância à educação não consegue separar a arte do seu ensino, pois ensinar é produzir junto com alunos, fazer arte é experimentar, expor-se ao inesperado, aos incidentes e acidentes. Algo entre o lúdico e a rebeldia juvenil.

Aqui se encontra uma coincidência com os mais contemporâneos estudos de semiótica discursiva, pois segundo seus teóricos, em uma síntese muito arriscada, o tipo de interação que mais profundos efeitos de sentido provoca são aquelas vividas em ato, abertas ao risco, ao imprevisto, às imprevisibilidades. Trata-se do Regime de Interação do Acidente, segundo Landowski (2004; 2014). Complementando, Asp afirma que ser professor, artista e experimentador é ser uma única pessoa: “sempre tentei fazer nas minhas obras o experimento: o melhor para uma pessoa interessada em arte.” Ou seja: aprender olhando como se faz e fazendo, um modo educativo de pensar a arte.

Atuando no nordeste do país como professor em 2001, foi surpreendido por um AVE, acidente vascular no encéfalo. Sobreviveu, mas nunca se libertou do uso de fortes medicamentos, surgiu então uma nova fase, radicalizando o uso de restos do cotidiano, salvos do lixo. Desta vez, não por opção. Os suportes de seus trabalhos passam a ser as bulas dos remédios e suas embalagens, para a execução, lápis de cor escolar, guache, grafite, carvão e rolhas queimadas, usadas como carimbo, que passam a ser uma constante. São metáforas de paisagens, sobreposição de imagens sobre as linhas da escrita impressas nas bulas, repetições ritmadas de circunferências formando campos vizinhos distintos, com circunferências de dimensões diferentes. Seus trabalhos então passam a fazer parte da série “Campos Relacionais”, apresentam sentidos de ordem, ritmo, força e movimento, talvez qualidades sensíveis que estejam faltando a ele mesmo na condução da sua própria vida (Figura 3).

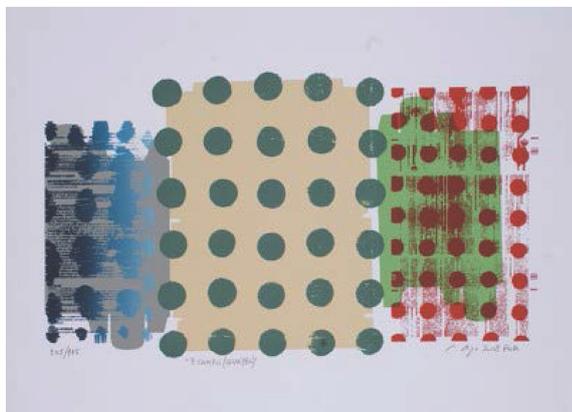


Figura 3 - Carlos Asp, *3 Campos (Guayba)*, 2008. Serigrafia sobre papel - 48 x 66,5 cm - N° de acervo: 859. Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/obras/gravura/album-museu-do-trabalho/asp-carlos/view>

Figura 4 - Carlos Asp, *Campo Verde Francês*, 2008. Desenho sobre embalagem - 41,5 x 23,8 cm - N° de acervo: 587. Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/obras/desenho/desenho/carlos-asp/view>

3. Campos Relacionais

Mas foi uma libanesa que trabalhava com física nuclear e quântica quem, em um encontro casual, lhe explicitou de modo objetivo o conceito de campos relacionais: quando uma superfície se aproxima de outra e migram informações entre elas, gera outra superfície, que é sempre uma surpresa.

A materialidade precária, presente muito antes da fase dos Campos Relacionais, diz que começa *dentro* dele; e atribui à Vênus em Capricórnio, diz que usa a precariedade por convicção, para mostrar que qualquer um pode fazer arte, em qualquer lugar, qualquer superfície, qualquer material: "o material caro me intimida", diz o artista. Desenhar nas bulas é uma espécie de hipertexto (Figura 4). E afirma:

vale a pena, sim, vale a pena: o exercício gráfico experimentado feito, contínuo [...] é uma aventura da descoberta de si e por isso faço a metáfora com as caixas, que eu abro a metáfora para mostrar o interior.

Segundo Rafael Rosa (2004:s/p),

Existe em nosso contexto uma arte que prescinde, por suas próprias forças, dos suportes tradicionais. Ela não nega o meio, mas discute-o de uma maneira que o transforma em pretexto. Ela desmancha a narrativa para contar novas histórias. A obra de Asp realiza-se por uma aproximação irremediável entre arte e vida, de tal forma que só com um distanciamento forçado percebemos que se trata de um artista que pode também se utilizar de meios convencionais e que tem um currículo em que se encontram exposições realizadas desde os anos 60.

Além da permanência da precariedade material, como matéria e técnica, e da processualidade como mais importante do que o resultado, a permanência da paisagem como temática é uma realidade às vezes despercebida, pois nem sempre é tão explícita (Figuras 5 e 6). Diz o artista:

após o acidente vascular no encéfalo, conhecido como AVE, um incidente geográfico no interior da cabeça, percebi que a minha audição estava melhor e as canções passaram a se sobressair, assim as letras e o som foram pensados como paisagens emocionais, os textos desenhados como paisagens, paisagens sintéticas (Asp, 2017, s/p).

Segundo Garcez (2019:147),

Sem dúvida, Carlos Asp se mostra além de artista, teórico e educador, um pesquisador em arte, criador de imagens que trazem novos usos e significado ao objeto cotidiano, descartado e descartável. À figura mais simples, o círculo, ele dá novos contornos. Em contraste com a proposta das bulas como pano de fundo das composições, cores que não brigam por atenção, compõem elegantemente, fazendo parte da provocação de Asp: pode o banal se tornar arte?



Figura 5 - Carlos Asp, *Árvores*, da série "in ÚTIL PAISAGEM". Viamão, RS, 2017. Lápis dermatográfico sobre papel.

Fonte: <https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/agenda-cultural/2017-2/oficina-com-carlos-asp/attachment/asp1-3/>

Figura 6 - Carlos Asp, *Gesto Elegante*, 2011. Fonte: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/imagens/20_08_2013_19_16_f5de9c5f5883571b2af0ed7d22f3565d.jpg

Conclusão

Esse exercício biográfico não poderia ser linear, com uma cronologia organizada, pois nem sua vida nem suas memórias o são. Mas a noção proposta de “campos relacionais” também tira proveito dessa liberdade poética, desorganizada, resultado da sua ânsia de relacionar tudo a tudo, todos a todos, e tudo a todos; relações em todos os campos.

Referências

- Asp, Carlos. *A Cor da Nossa Tela – Carlos Asp*. Documentário da TV UFSC. Publicado em 9 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUIZ5YJDjeo>, com acesso em 12 de fevereiro de 2018.
- Asp, Carlos. *Exposição “in Útil Paisagem” de Carlos Asp*. In: Museu Victor Meirelles. Agenda cultural, 2017. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/agenda-cultural/2017-2/exposicao-in-util-paisagem-de-carlos-asp/> com acesso em 01 de março de 2019.
- Asp, Carlos. *Arte&Agenda - 70 anos de Carlos Asp*. Entrevista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i9zMNdrZ_Ac&t=2124s. com acesso em 01 de novembro de 2019.
- Carvalho, Ana Maria Albani de. Grupo Nervo Óptico: narrativas visuais e ironia na vanguarda artística brasileira. In: *Revista Gama, Estudos Artísticos*. 5 (9) – Janeiro-junho de 2017, págs. 93 a 100.
- Garcez, Luciane. Carlos Asp: a poética do cotidiano. In: Makowiecky, S.; Cherem, R. (ORGS). *passado-presente em quadros: uma antologia da história da arte em Santa Catarina*. Florianópolis: AAESC, 2019. Pags. 141 – 147.
- Landowski, Éric. *Passions sans nom*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- Landowski, Éric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- Rosa, Rafael Vogt Maia. Truth Camps: uma leitura e dois testemunhos sobre Carlos Asp. IN: *Carlos Asp*. Arquivo Museu Victor Meirelles, 2004. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/exposicoes/temporarias/arquivo/2004-2/carlos-asp/>